

ESCRAVIDÃO NO BRASIL COLÔNIA: ANÁLISE ACERCA DOS IMPACTOS CULTURAIS SOFRIDOS PELOS AFRICANOS NO BRASIL

Dayane Ferreira Ramos¹

RESUMO

O objetivo do trabalho é apontar como o processo de escravidão de africanos se instaurou no Brasil Durante o período colonial e quais os impactos que a escravidão causou nos africanos e em seus descendentes que tiveram como destino a escravidão. O trabalho aponta as origens da escravidão, ou seja, desde o processo das negociações de escravizados feitas ainda em território africano, passando pelo transporte desses escravizados e a hostilidade física e mental sofrida ainda no caminho para o novo continente. O trabalho abordará também a forma como os africanos que estavam em condição de escravizados acabaram tendo que se desprender de forma forçada das suas raízes culturais e quais as formas de resistência usadas por eles para manter presente em suas vidas suas raízes culturais.

Palavras-chave: Afro-brasileira. Cultura. Diversidade

INTRODUÇÃO

A prática da escravidão é muito antiga em diversas partes do mundo, desde a antiguidade a escravidão é usada como mão de obra de várias sociedades. No Brasil, esta prática foi inserida como principal força de trabalho, após a chegada dos portugueses na região, em um processo que recebeu o nome de colonização.

Após a ocupação dos portugueses no Brasil, os mesmos iniciaram a exploração dos recursos naturais no território e para isto foi usada, inicialmente, a mão de obra escrava indígena. Contudo, a resistência indígena somada à ausência do hábito do trabalho braçal, levou os portugueses a tomarem a decisão de inserir escravizados africanos na exploração das riquezas naturais do território brasileiro.

Esse processo gerou uma experiência cruel e desumana que durou cerca de três séculos e marcou a história da humanidade. A escravidão praticada no Brasil caracterizou-se pelo processo de desumanização de indivíduos africanos, exposição e degradação de seus corpos e constante busca pelo apagamento da cultura e crenças africanas.

Adiante será abordado como a escravidão impactou a cultura e as crenças dos escravizados que chegaram ao Brasil e como podemos apontar a forma como os colonizadores empenharam-se na busca pelo apagamento da cultura africana, com o intuito de transformar o

¹ Graduada do Curso de história da Universidade Pernambuco- UPE, day.ferreira19@yahoo.com

escravizado em um objeto de trabalho e impedir que o mesmo manifestasse qualquer expressão cultural que remetesse às suas raízes.

METODOLOGIA

O presente artigo buscou analisar a vivência de povos africanos que tiveram como destino o envolvimento no sistema escravista no período colonial, tal pesquisa teve como base artigos científicos e livros sobre o tema. As informações coletadas foram levantadas com base em dados históricos e estudos recentes a respeito da influência cultural africana no Brasil.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa aborda o processo escravista no Brasil a partir de uma visão humanista que tem a preocupação em analisar em especial questões relacionadas ao processo de desumanização vivido por povos africanos e como tal situação afetou a relação desses povos com sua identidade cultural. Desta forma, é apontado desde o momento da negociação entre fornecedores e compradores de escravizados até a influência cultural desses povos no Brasil. O texto também aponta questões relacionadas ao preconceito que foi estruturado na sociedade brasileira e os impactos sociais causados pela intolerância racial e religiosa ainda muito presente em nosso território.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. TRÁFICO DE ESCRAVIZADOS: O INÍCIO DE UM PROCESSO DE DESUMANIZAÇÃO.

Para melhor compreensão a respeito da chegada de africanos no Brasil, é necessário ressaltar que a escravidão já era uma prática presente no continente africano, contudo, possuía um caráter muito diferente da escravidão que se instaurou no Brasil.

“Na África, indivíduos podiam ser reduzidos a situação de cativo em três situações principais: por compra e venda, por dívida ou por guerra. Não resta dúvida de que, dos três, o mais freqüente era a guerra. É preciso compreender que os povos africanos encontravam-se organizados em sociedades hierarquizadas, e que ao lado de camponeses, criadores de animais, artesãos e mercadores, as castas privilegiadas eram aquelas compostas por caçadores ou guerreiros”. (RIVAIR, 2013, p.101).

A partir do texto destacado de José Rivair, “História da África”, é possível compreender que a escravidão que ocorria no continente africano não era tida como base da mão de

obra, ou seja, a escravidão era uma prática presente em aldeias tribais que seguiam um modelo social hierárquico. A finalidade da escravidão africana não consistia em exploração econômica e os cativos não perdiam sua liberdade de forma total.

Os cativos permaneciam integrados ao grupo social vitorioso e apesar de ocuparem uma posição subalterna dentro deste grupo, não estavam proibidos de se relacionarem com indivíduos de outras castas, seus descendentes também não eram considerados escravos, o que já expressa uma grande diferenciação da escravidão imposta pelos europeus.

O início da escravidão pelos europeus se dava ainda no continente africano, quando os indivíduos eram colocados em um esquema de escambo no qual eram trocados por especiarias de interesse de líderes africanos locais. De acordo com o autor José Rivair, descreve em seu livro, “História da África”, quais produtos interessavam aos líderes africanos para que os mesmos cedessem escravizados para europeus de diferentes nações.

“ * 180 libras (81 kg) de peso em cauris (búzios)

* 4 a 5 potes de água ardente

* 40 a 50 peças de tecidos de linho

* 300 libras (135 kg) de peso em pólvora

* 25 a 30 espingardas

* 40 a 45 barras de ferro compridas

* 20 cachimbos da Holanda”

(RIVAIR, 2013, P. 112)

Ao passo em que os portugueses e africanos começaram a estabelecer contato e realizar trocas, a escravidão ganhou um outro caráter e os portugueses passaram a usar escravizados africanos como principal força de trabalho já que tudo que ofereciam em troca dos serviços prestados pelos escravizados era o mínimo possível para mantê-los vivos.

No caso dos portugueses que tiveram contato com os africanos e participação do tráfico de escravizados, utilizaram o fumo como um dos principais produtos de troca. Os portugueses usavam o fumo produzido no interior do Nordeste brasileiro para obter mão de obra escrava, esta usada em diversas partes do território brasileiro, porém com destaque para as lavouras de café, o plantio do tabaco e os engenhos de cana-de-açúcar.

Assim, várias regiões do Brasil receberam escravizados africanos para trabalhar tanto no cultivo de diversos produtos, quanto no meio urbano, prestando serviços de vendas para

seus senhores e serviços domésticos em suas residências. As chegadas desses africanos no Brasil os fizeram adotar uma nova percepção cultural na qual os mesmos tiveram que exercer uma forte resistência cultural para que sua ancestralidade não fosse eliminada de maneira total. O fato de escravizados terem origens locais diferentes entre si, não os impediram de unirem-se em favor da busca por suas culturas, resultando na mistura de diferentes dialetos africanos, em religiões afro-brasileiras, em uma culinária típica de povos da África e de uma forma de pensamento com forte influência de saberes africanos.

2. VIAGEM PELO ATLÂNTICO: UMA JORNADA DE DESNATURALIZAÇÃO CULTURAL

Um aspecto importante a ser destacado no que se refere aos impactos culturais sofridos pelos africanos durante o processo de escravidão é a forma como os mesmos eram tratados desde o momento em que partiam da África rumo a territórios desconhecidos. Isto porque, após o processo de negociação e compra de um indivíduo escravizado, este já começava a passar por um processo de desumanização e era objetificado a ponto de ser visto como uma mercadoria sujeita a compra e venda.

Já de início nota-se uma constante investida dos lusitanos para que os africanos se desprendessem de suas identidades culturais e de suas raízes. Sendo assim, a partir do momento em que os africanos adentravam embarcações conhecidas como “navios negreiros” os mesmos eram submetidos a um processo de desumanização quase que instantânea, no qual eram obrigados a desfazer-se de suas identidades e adotar uma postura vinculada á padrões europeus. Eram obrigados a adotar um novo nome, aprender o idioma local e adotar uma nova religião (neste caso, o catolicismo).

O intuito de todo esse esforço para que os africanos se desvinculassem de sua cultura e de suas origens está atrelado ao fato de que, quanto mais distante das lembranças e dos costumes de seu território de origem os mesmos estivessem, menor seria a chance de se rebelar contra seus opressores. Durante a viagem os escravizados sofriam os mais diversos tipos de maus tratos, entre eles podemos citar a má alimentação, a péssima condição de acomodação que fazia com quê os mesmos muitas vezes não tivesse espaço nem mesmo para mudança de posição. Os africanos ainda passavam por castigos físicos e tinham que lidar com a ideia do

sofrimento que os aguardava na nova terra, o que desencadeou também um grande sofrimento psicológico.

“De qualquer modo, no momento em que as embarcações deixavam a África, os indivíduos vendidos ou entregues como cativos eram eliminados socialmente da convivência ancestral e da memória coletiva dos que ficaram.” (Rivair, José. 2013, p. 117.)

No trecho acima, o autor José Rivair pontua a forma como indivíduos cativos eram colocados em uma posição de exclusão total de sua ancestralidade, sendo forçados a renunciar sua memória coletiva em prol de um novo formato de vida que os aguardava e que os distanciava de tudo que conheciam, os colocando em uma categoria desumana.

3- IMPACTOS CULTURAIS E A RESISTÊNCIA AFRICANA EM FAVOR DA PRESERVAÇÃO DE UMA CULTURA

É inegável pensar na escravidão ocorrida no Brasil, sem pensar nos movimentos de resistência organizados pelos escravizados que aqui viviam. Tais movimentos de resistência são perceptíveis quando observamos como a cultura africana é presente no Brasil e como os movimentos negros tem se ampliado nas últimas décadas.

Mesmo com a forte opressão sofrida por escravizados africanos, os mesmos foram capazes de manter sua cultura e ancestralidade presentes no cotidiano como forma de resistência à escravidão. Sendo assim, fizeram de seu idioma, de sua culinária e de suas tradições, um meio de preservação de suas raízes. Embora ainda exista um certo preconceito no Brasil com aspectos relacionados à cultura africana, é inegável a presença e os impactos que a mesma causa na sociedade.

A autora Carmen Prisco, em sua obra “As religiões de matriz africana e a escola”, trás algumas discussões importantes acerca do que podemos apontar como herança da cultura africana vigente em nossa sociedade no que se refere a identidade cultural brasileira. Em sua obra, a autora destaca pontos como as religiões de matrizes africanas, a culinária, o idioma falado nos terreiros, a cultura e a música.

“O candomblé

Após mais de um século de escravidão, resolveu-se resguardar a identidade de cada povo usando a religião africana do candomblé para definir um processo de integração das diferentes nações cujos representantes chegaram ao Brasil durante o período da escravidão.

O que significa

Candomblé é uma palavra derivada da língua bantu:

ca [ka]=uso, costume,

ndomb=negro, preto ,

lé=lugar, casa, terreiro e/ou pequeno atabaque.

A reunião dos três vocábulos resulta em "**lugar de costume dos negros**", por extensão, lugar de tradições negras, tradições entre as quais, destacam-se, no sentido atual as práticas religiosas que incluem a música percussiva, a dança, as comidas, o idioma, usos e costumes, e principalmente a hierarquia ou organização social”

(Prisco, Carmen. 2012, São Paulo,p.5.)

O texto acima revela a forma como a religiosidade africana foi moldada em território brasileiro com o objetivo de preservar seus costumes e ancestralidade, Já que os escravizados eram forçados a se desfazer de suas memórias culturais. Desta forma, é perceptível a importância da manutenção da religiosidade africana para os escravizados que chegaram ao Brasil e também para seus descendentes.

Um outro ponto destacado no texto é a questão da influência linguística que os africanos trouxeram para o português, língua oficial do Brasil. Neste ponto, a autora destaca a influência de povos de origem banto e ressalta algumas palavras que são inseridas no vocabulário dos brasileiros, revelando mais uma vez a forma como a cultura africana se manifesta na sociedade brasileira até os dias atuais.

“Em alguns casos, a palavra Banto chega a substituir a palavra de sentido equivalente em português: **Caçula por benjamim, corcunda por giba, moringa por bilha, molambo por trapo, xingar por insultar, cochilar por dormir, dendê por óleo-de-palma, bunda por nádegas, marimbo por vespa, carimbo por sinete, cachaça por aguardente**“.

(Prisco, Carmen. 2012. p. 7-8, São Paulo.)

O trecho destacado acima retirado da obra de Carmen Prisco, revela a manifestação da cultura africana na língua brasileira, o que intensifica a ideia de integração da cultura africana no Brasil.

Festas e dança também se tornam aspectos relevantes a serem mencionados quando se fala em herança cultural africana, afinal, foi a partir da presença de africanos no Brasil que surgiram ritmos e festas que atualmente fazem parte da identidade cultural no Brasil e podem ser apreciadas por pessoas de diversas partes do mundo. Entre essas danças e festejos conhecidos no Brasil, podemos citar o frevo, a capoeira, o carimbó, o maracatu e o congo.

A congada é um exemplo de festa de origem africana que ocorre no Brasil desde o período colonial e consiste na representação da coroação do rei ou rainha do Congo, a festa envolve desfiles, dança e cantos.

“É particularmente caracterizada pelo uso de tambores em variados tamanhos, trajes e coreografias típicas e cânticos que invocam os Deuses. Atualmente é uma manifestação folclórico/religiosa, onde se prestam homenagens a São Benedito e a Nossa Senhora da Penha, em festas que acontecem ao longo dos meses de dezembro e janeiro.”

(GUSTI e SOUZA. 2018, p. 7)

No trecho acima é possível observar a resistência das congadas ao longo dos anos, o novo significado que a mesma ganhou em território brasileiro. Partindo deste ponto, é evidente a coragem que povos africanos e seus descendentes tiveram em manter suas tradições em vigor até os dias atuais, provando mais uma vez que a resistência africana não foi exercida tão somente por meio de fugas e violência, mas está presente nas tradições guardadas e mantidas por um povo que mesmo em estado de aprisionamento, abuso físico e psicológico conseguiu preservar traços de sua identidade cultural de origem.

No dia 20 de novembro é celebrado, no Brasil, o dia da consciência negra. Esta data é vivenciada principalmente nas escolas, tanto em redes de ensino público como em redes de ensino privado, já que ela foi instituída no calendário escolar e deve ser trabalhada por todo corpo docente, na intenção de que os alunos compreendam e apreciem a cultura africana como sendo parte da cultura brasileira e consigam perceber o processo histórico do negro no Brasil desde o período colonial.



Em 2003, a Lei 10.639 foi criada com o objetivo de levar para as salas de aula mais sobre a cultura afro-brasileira e africana do que a escravidão negra no Brasil. Propondo novas diretrizes para valorizar e ressaltar a presença africana na sociedade, além de ser um instrumento contra a discriminação e o preconceito racial, a Lei ainda não é cumprida em todas as escolas. (GUAISTI e SOUZA. 2018, p. 13)

O trecho acima ressalta a necessidade da implantação de uma lei que colocasse promovesse na prática a valorização e o conhecimento da cultura afro-brasileira para jovens e crianças que estão em seu processo de formação educacional, visto que ao fim da sua formação escolar os jovens estarão prontos para iniciar sua fase adulta com consciência das divergências culturais existentes em nosso país e exercendo seus direitos civis de forma respeitosa e coerente, contribuindo assim para a construção de uma sociedade pacífica, tolerante e anti-racista

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as evidências já apontadas acima, podemos perceber a importância do estudo das nossas raízes culturais e a necessidade do conhecimento do processo de formação cultural da nossa sociedade, tendo em vista que o conhecimento direciona o rompimento de preconceitos instituídos no Brasil desde o período colonial e perpetuado por gerações posteriores.

É importante também observar como as inúmeras práticas que envolvem a cultura africana enriquecem a cultura brasileira e deve ser apreciada, respeitada e devidamente valorizada. O Brasil possui uma grande diversidade de povos, vocabulários e crenças que todos têm o direito de conhecer a fim proporcionar a uma nação igualdade e respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

PRISCO, Carmen. “As religiões de matriz africana e a escola”, São Paulo. 2012.

RIVAIR, José. “História da África”, São Paulo. 2014.

SOUZA, I; GUAISTI, M. “Cultura africana e sua influência na cultura brasileira”, Rio de Janeiro. 2018